

Editorial



O Dia Internacional dos Museus que se comemora a 18 de Maio, subordina-se este ano ao lema “Museus, pontes entre culturas”. Ao lançarmos um olhar atento à programação do nosso Museu Municipal no corrente ano, cumpre-nos salientar que os projectos em curso, alguns divulgados através deste boletim, correspondem – e não é de hoje – à vontade de estabelecer pontes interculturais. Estes contactos estão presentes no apoio e promoção de acções entre a Comunidade Educativa Local e, por exemplo, Cabo Verde, no âmbito da geminação Palmela/S. Filipe (ver **+museu 4**); mas também entre o tempo Presente e as culturas de outros tempos, uns mais longínquos, outros mais próximos da contemporaneidade, de que destacamos acções sobre Património Arqueológico e sobre Património Etnográfico material e imaterial, caso dos trabalhos realizados em torno da necrópole de Quinta do Anjo e dos projectos de investigação em curso sobre a Cultura Caramela e o Património Vitivinícola.

Estas acções são estrategicamente assumidas, sempre, com uma forte componente de trabalho com a Comunidade Educativa. Como instituição que aprende e incentiva à aprendizagem, o Museu actua no território local que é marcado por uma multiplicidade de identidades, mais ou menos alicerçadas, em torno de referências comuns.

A musealização da Adega de Algeruz, que abrirá ao público em Julho, integra também uma vertente vocacionada para a interculturalidade, a desenvolver no Futuro, através de contactos com outros museus dedicados a esta temática, nacionais e/ou internacionais. Uma permanente articulação e abertura ao diálogo com os produtores vinícolas do nosso concelho e a perspectiva de se Educar para a Saúde, através da abordagem da temática do consumo do vinho com diversos actores locais, são também opções que marcarão a programação do novo núcleo museológico do concelho.

Neste ano marcado, do ponto de vista da História Local, pelas Comemorações dos 820 anos do Foral atribuído ao concelho de Palmela por D. Afonso Henriques, a edição de um estudo crítico sobre os Forais de Palmela é igualmente uma forma de comunicação e reflexão sobre as comunidades muçulmana e cristã que coexistiram no concelho, nos primeiros anos da sua existência, e que, ainda hoje, marcam ambas presença nos nossos gestos e objectos quotidianos, com as necessárias diferenças que marcam o século XXI.

As mais antigas memórias dos homens instalados em território do actual concelho de Palmela são-nos dadas pelas intervenções arqueológicas que, desde finais dos anos 80 no século findo, a Câmara Municipal tem incentivado e promovido de forma sistemática. Uma campanha arqueológica, de finais do século XIX/início do século XX, encontrou a necrópole de Quinta do Anjo; classificada, em 1934, como Monumento Nacional, a jazida é para muitos cidadãos locais uma presença “importante mas de significado pouco claro”. Para interromper este ciclo de fraco desconhecimento do significativo valor do monumento, na Comunidade Local, o Museu e os alunos e uma professora da Escola de Ensino Básico desenvolvem, desde o ano lectivo 2003/04, um projecto bianual do qual nos falamos neste **+museu**. As declarações dos alunos dessa turma do 3º ano de escolaridade falamos das aprendizagens que fizeram em torno de uma história “reinventada”, adaptada à sua idade. Esta é uma ponte entre o longínquo Passado da aldeia de Quinta do Anjo, transportado para o Presente pela imaginação e pelo conhecimento arqueológico. As diversas exposições que teremos patentes durante o período estival divulgam também outros tempos, outras sociabilidades, passados e presentes.

Descubra-nos nestas páginas, visite-nos, conheça-nos!

A Presidente da Câmara

Ana Teresa Vicente

2 em destaque...

Memórias do Habitar

Arquitectura e Vivência Caramelas (2ª parte)



Uma cozinha que ainda mantém os traços tradicionais

Convidamo-vos agora a entrar na habitação. Observemos o seu interior.

A cozinha localiza-se, salvo algumas exceções, no lado direito da frente da casa, exactamente no ponto geográfico oposto ao castelo de Palmela. Tendo em conta, como atrás já foi referido, que é uma casa funcional, este é o espaço por excelência da habitação, onde a família se reúne, se alimenta e se conforta

ao calor da chaminé, nas noites frias de Inverno. Sendo considerada o “lar da casa”, é obrigatório que seja o compartimento que fique mais resguardado dos ventos fortes que sopram do lado das históricas muralhas.

Esta divisão tem apenas um acesso para o exterior¹, através de uma pequena porta de madeira tosca, num vão sem cantaria, que corresponde à principal entrada da habitação.

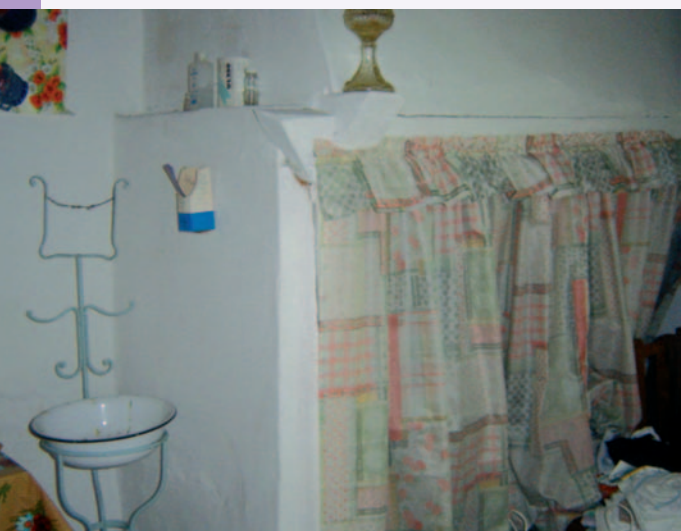
¹ Posteriormente, tornou-se comum abrir um vão de janela para as traseiras da casa, para que passe mais claridade e sobretudo para escoar o fumo proveniente da lareira.

É pois, “na cozinha que se encontra o lar enquanto conceito estrito mas primordial de lugar onde se faz o fogo.” (Fernando Galhano, 1985).

A lareira, construída ao nível do solo, situava-se comumente no canto inferior direito. Na esquina paralela, o poial onde se colocava o cântaro de barro com a água sempre fresca, e por baixo, coberto por uma cortina de chita, guardavam-se os utensílios de cozinha mais utilizados e por isso com um aspecto menos bonito, alguns condimentos que faziam parte da alimentação, como o azeite, e o petróleo necessário para se acender os candeeiros. Os pratos e canecas mais vistosos eram colocados num escaparate, normalmente de cor verde, azul ou castanha. Uma pequena mesa com dois bancos, “mochos” (pequenos bancos de madeira tosca) de apoio à chaminé, e a máquina de costura, instrumento de trabalho imprescindível para a mulher, costureira da família, são outros elementos que compõem este espaço.

Por último, devido à inexistência de uma casa-de-banho, era também aí colocada uma pia, onde os habitantes faziam a sua higiene diária.

As imagens apresentadas datam de 2004, obtidas numa casa ainda habitada no Vale da Vila. Embora com algumas diferenças, fruto da evolução dos tempos, mantém o seu aspecto tradicional, verificando-se parte dos elementos atrás descritos.



Outro aspecto da cozinha

Uma porta interior dava acesso à sala ou “casa do meio”. Como o próprio nome indica, este era apenas o local de passagem dos quartos para a cozinha. Porém, em ocasiões excepcionais – festas, enterros, ida do médico a casa – transformava-se na divisão mais importante, local pelo qual os convidados entravam e aí conviviam. Aqui encontramos a segunda e última porta de acesso ao exterior da habitação, e ao lado, uma pequena janela. Ambas as aberturas estavam sempre fechadas, à excepção dos momentos descritos.

Duas a três arcas assentes em travessas de madeira, utilizadas para guardar o enxoval das filhas casadoiras, uma mesa de madeira e respectivas cadeiras, colocada no centro da sala, e algumas floreiras de pé alto, são o mobiliário que preenchia esta divisão.

Por último, delimitados por finas paredes de madeira, encontramos dois pequenos quartos. A cada um corresponde uma pequena abertura para a “casa do meio”, coberta muitas vezes, apenas com cortinas de chita. O quarto dos pais situa-se sempre à esquerda, por ser este ligeiramente maior. No outro, dormiam as filhas. São divisões de reduzida dimensão, onde cabia apenas uma cama de ferro no quarto dos pais, ou a tarimba no quarto das filhas, uma cadeira para colocar o candeeiro a petróleo, o bacio (debaixo da cama), e uma colcha e tapete de retalhos. No quarto dos pais, encontramos regularmente uma pequena janela que dá para a frente da casa, para permitir que o homem pudesse fazer a vigilância nocturna. Por este mesmo motivo, era também ao pai que cabia o lugar da cama junto à abertura do quarto, sendo este ocupado pela mulher quando existiam bebés na casa. Nesses casos, a mãe, a quem cabia tratar das crianças, poderia chegar mais facilmente ao berço de madeira, colocado ao lado da cama.

É muito raro encontramos aberturas para as traseiras da casa, verificando-se algumas vezes na cozinha, no quarto das filhas, e outras ainda, num terceiro quarto anexado à sala, construído para as filhas e filhos que acabados de casar, aí permaneciam junto dos pais.

Como eram famílias muito numerosas, a dimensão da habitação não permitia que todos os elementos da família dormissem no seu interior, assim, considerando que as filhas tinham de ser resguardadas antes do casamento, cabia aos filhos dormirem em anexos exteriores, como a adega ou o celeiro.

“E não tínhamos lençol. Era uma manta mais velha, é que tava lá, lá por baixo. Quem se fosse deitar mais cedo ia buscar o saco do farelo pá cabeceira. Era uma coisa macia (...)”
(Joaquim Cavaleiro)

Tal como o exterior, o interior era também muito sóbrio, com poucos ornamentos. A decoração cingia-se a papel colorido – que recortado com precisão e engenho, tomava diversos desenhos e formas, sendo depois pendurado nas paredes –, as pequenas recordações compradas nas feiras, e figuras de santos, especialmente da N^a Senhora da Atalaia.

A limpeza do espaço consistia em salpicar de água o pavimento que era todo de barro, para que não levantasse pó, e em tirar as teias, por meio de um vasculho preso a uma comprida vara de madeira, dos recantos da madeira da cobertura, que sem forro, permitia que se dormisse a olhar as telhas. Para além destes procedimentos, anualmente, por altura da primavera, caiavam-se as paredes exteriores para que ficassem mais protegidas da acção da chuva, tornando ao mesmo tempos, a casa mais bonita, perante o olhar dos vizinhos.

A casa rural não é apenas o local onde se habita, ela é concebida como um instrumento agrícola indispensável à vida campesina. À medida que os colonos iam adquirindo mais posses, crescia o número de anexos que serviam de suporte à economia doméstica. Construídos imediatamente ao lado da habitação, com acesso apenas pelo exterior, surgiam os arrumos das alfaías agrícolas indispensáveis à exploração da sua parcela de terra, a abegoaria, onde repousavam os animais, a adega, onde se fabricava vinho para

consumo próprio ou para venda ao público, o celeiro, onde se guardavam os alimentos e a salgadeira, e o forno para a cozedura do pão. Este poderia ser acoplado às traseiras da casa ou na parede lateral da cozinha, locais mais protegidos das intempéries meteorológicas, ou então, construía-se um outro anexo, denominado por “casa do forno”, cujas paredes eram pintadas com oca, para que o negrume do fumo pudesse ser dissipado.

Para completar este cenário rural, existia o poço, o tanque, a pia para os animais, o cruveiro para o porco, o coradoiro, e na zona mais húmida do terreno, a horta, a vinha e a ceara, imprescindíveis para a pequena economia doméstica, sendo também que, alguns dos produtos hortícolas eram vendidos pelas “caramelas” nas ruas e feiras de Pinhal Novo, Palmela e Setúbal.



Aspecto do forno acoplado, de uma casa à entrada de Pinhal Novo



Casa do forno nos Olhos d'Água

Distribuição das casas caramelas

“A casa popular é um dos mais significativos e relevantes aspectos da humanização da paisagem, em que, na sua grande diversidade de tipos, afloram, com popular evidência, numerosos condicionalismos fundamentais – geográficos, económicos, sociais, históricos e culturais – das respectivas áreas e dos grupos humanos que as constróem e habitam.”

Oliveira e Galhano, 2000

A ocupação do território pelos caramelos foi feita, segundo Orlando Ribeiro, de um modo individualista, visto que as casas eram construídas com uma distância considerável umas das outras, e algumas vezes, com a frente da casa para as traseiras dos aceiros que lhes davam acesso.

Apesar desta dispersão espacial, que permitia proteger do olhar dos vizinhos a vida quotidiana, concluo, através das entrevistas que fiz, que os laços de vizinhança são muito fortes e contribuem fortemente para a reprodução social deste povo que enfrentou condições económicas tão adversas.

A matança do porco, a desfolhada, os casamentos², a própria construção das casas, contava com a participação de vizinhos e familiares, num sistema em que as pessoas davam para receberem, que Mauss denominou por dádiva e contra-dádiva, e considerou ser a base da racionalidade dos sistemas de trabalho. Porque a migração, feita nestes moldes de uma sociedade campesina pobre, implica o desconhecimento e a imprevisão do futuro, assim, quando se matava um porco, a carne era distribuída por

outros, sabendo que, quando estes matarem o seu animal, também eles terão direito ao seu quinhão. O mesmo sucede com os restantes exemplos dados, nomeadamente na construção da habitação, árdua tarefa que necessitava de muita mão-de-obra, pois o facto de uma família contar com a ajuda dos vizinhos, obriga socialmente a que se dispõem também a ajudar.

A ocupação individualista foi dando lugar, ao longo do tempo, a diferentes núcleos que compõem actualmente o nosso território concelhio. Para a evolução deste processo de ocupação, contribuiu ao longo das gerações, o crescimento do agregado familiar, pois filhas e filhos construíram as suas casas no próprio terreno dos pais, ou em terrenos vizinhos. Este facto é perfeitamente visível pelas relações familiares que todos estes núcleos encerram, tal como se verifica por exemplo na Palhota, onde as casas mais próximas de um indivíduo, pertencem a irmãos, primos ou tios.

É a estas pessoas que agora agradecer, por terem, pacientemente, contribuído com os relatos das suas vidas, para o estudo do povo e da casa caramela, e para o entendimento da importância deste património arquitectónico vernacular na história da região.

Após a leitura deste artigo, convidamo-vos a passear pelos caminhos do concelho, e atentamente, observar a paisagem, para descobrirem estes lugares de memória que espe-lham tristemente o abandono... Casas de terra que nos olham silenciosamente, algumas escondidas por entre o mato que cresce selvagem, poucas, as que ainda persistem vivas, com fôlego para respirar e resistir ao tempo que passa.

Teresa Sampaio

Antropóloga, Museu Municipal de Palmela

² Através das recolhas orais, verificamos que grande parte dos namoros acontecia à escondida dos pais da rapariga. O casal aproveitava o caminho para o trabalho e o regresso a casa, para de forma discreta, trocar as juras de amor. Todavia, era também comum as mulheres engravidarem ainda antes do casamento. Nestes casos, a cerimónia (frequentemente apenas civil) era apressada para que a gravidez fosse escondida dos olhares alheios.

O casamento consistia numa festa que se realizava na casa dos pais da noiva, para a qual eram convidados os familiares e amigos mais chegados. Os vizinhos mais próximos contentavam-se com a oferta de comida, confeccionada propositadamente em maior quantidade por este motivo.

Mas, além de ser um momento de festa, era também um momento socialmente muito complicado. Ao anoitecer, na maior parte dos casamentos, realizavam-se as "Buzinas", que consistia num ritual em que um grupo de pessoas, escondidas pela escuridão da noite, fazia barulhos ensurdecedores perto da casa onde se celebrava, gritando, com a voz alterada para não ser reconhecida, defeitos e actos moralmente criticáveis da noiva. "Quando era o Sábado ou ao Domingo quando havia um casamento, né?, era tantos búzios, tantos búzios ... O' depois apitavam: uh, uh..." (Adélia dos Santos Ratão)

"No aceiro tal está um cabrão para se descobrir!" (Evangélio Romão)

Era um momento muito angustiante, e ainda hoje, as mulheres com quem falei, mostram-se chocadas com tal episódio.

O convento de Palmela

novos dados

As origens da instalação da Ordem de Santiago em Palmela recuam ao séc. XII, aos primeiros tempos da sua acção militar no contexto da *reconquista*. Graças às investigações arqueológicas desenvolvidas na alcáçova, foi possível identificar uma necrópole de freires cavaleiros e vestígios estruturais que podem associar-se a um primitivo edifício-sede da Ordem.

castelo de Palmela um convento-sede, de cariz religioso mas também com valências de aquartelamento militar, preparado para enfrentar o desafio do avanço português nas terras muçulmanas a sul. Aí terá permanecido até 1217, quando os interesses da Ordem, em sintonia com a estratégia de alargamento do jovem reino português, a fazem deslocar para a recém conquistada Alcácer.



Vista para o Convento, anos 80

O castelo de Palmela foi doado aos freires de Santiago em 1186, sendo mestre D. Sancho Fernandes. Entre 1186 e 1191, data da investida de *Ya'qub al-Mansûr*, é possível que os freires se tenham estabelecido em Alcácer do Sal ou em Palmela, mas são fortes as dúvidas para este período. A partir de 1194, quando Palmela volta à posse cristã e Alcácer se transforma num poderoso reduto militar almóada, entendemos que a milícia de Santiago terá feito edificar na alcáçova do

A partir de D. João I, o mestrado da Ordem de Santiago passou para a dinastia de Avis. É nessa ocasião que o rei decide transferir a sede da Ordem para Palmela. A construção da Igreja de Santiago e do Convento decorrerá entre meados do séc. XV (1443?) e 1482. Esta igreja é considerada um notável exemplar da arquitectura tardo-gótica portuguesa, caracterizada pelo despojamento formal e decorativo, onde se cruzam elementos arcaizantes e outros de clara modernidade. Dos

edifícios que compunham o convento propriamente dito, pouco se sabe. O mais provável é que inicialmente se desenvolvessem a partir da cabeceira da igreja, onde resta hoje um conjunto edificado. Pelo menos a partir do séc. XVI esse conjunto terá começado a evoluir para a área lateral sul da igreja e deveria incluir os dois miradouros, ainda existentes, e as dependências do Paço de D. Jorge. Será com D. Jorge, filho bastardo de D. João II e último mestre da Ordem, que o convento e a igreja viriam a sofrer as primeiras alterações significativas. Na capela-mor foi acrescentado mais um tramo aos dois já existentes, executou-se o coroamento de merlões, o coro alto e a abóbada estrelada do tramo que inclui a porta lateral.

O *Regimento do Convento de Palmela*, de 1547, outorgado por este mestre, fornece-nos importantes informações sobre o quotidiano da vida conventual. Mencionam-se, por exemplo, as procissões solenes que mereciam particular atenção dos freires, com um percurso da vila até ao convento: na Páscoa, no *Corpo de Cristo*, na festa do patrono S. Tiago. É também este Regimento que nos

elucida que as providências em caso de necessidade de obras.

Nos finais de quinhentos as instalações conventuais encontravam-se ainda em mau estado, continuando-se as obras iniciadas no tempo de D. Jorge. Em 1607 já não se fala da recuperação mas da reedificação do convento. A nova planta foi encomendada, em 1610, a Filipe Térzio, arquitecto régio e mestre de obras das Ordens de Santiago e de Avis. Caberá à equipa de mestres pedreiros de Baltazar Álvares a primeira fase da edificação, que conhece o seu melhor ritmo no tempo de Filipe II. Depois, até finais do séc. XVII, os movimentos de obra são lentos e só em inícios do séc. XVIII deverá ter ocorrido a conclusão do novo edifício. Em 24 de Junho de 1711, D. João V deslocou-se ao convento com vasta comitiva real, sendo então mencionada a visita das instalações. Em 1724 albergava vinte e cinco freires, além do prior-mor. Na sequência do sismo de 1755, foi sujeito a novas reparações.

O arquitecto das ordens, Manoel Caetano de Souza, em 1781, desenha a planta do Castelo de Palmela com todos os seus edifícios.



O Convento antes da intervenção da DGEMN nos anos 70



Área fronteira à Igreja de Santiago, durante a escavação de 2003



Fragmentos de faiança exumada durante a escavação de 2003

Trata-se de um documento iconográfico determinante para o estudo da evolução arquitectónica do conjunto monumental, da distribuição e organização espaciais do convento e da casa do prior-mor.

O final do século XVIII e o séc. XIX são um tempo de degradação e de delapidação do convento e da igreja. Às descrições da crescente ruína dos edifícios acrescentam-se os apelos no sentido de os proteger e salvar. Em 1910 o Castelo de Palmela e a Igreja de Santiago são classificados como Monumento Nacional. Um pouco mais tarde (1932), são alvo de um projecto de intervenção da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais,

cujas primeiras fases ficarão concluídas a tempo das comemorações centenárias de 40. Quanto ao convento, irá permanecer abandonado até aos anos 70, quando se executa o projecto de adaptação do edifício a pousada de turismo.

Em 2003 realizou-se uma intervenção arqueológica no pátio fronteiro à Igreja de Santiago, que permitiu concluir que o novo convento não aproveitou anteriores estruturas neste espaço e sofreu entretanto várias obras de remodelação.

Sabemos agora que a entrada da Igreja de Santiago era servida por uma grande escadaria de 7 ou 8 degraus, seguida de patamar. É possível que, entre os sécs. XV e XVII, este patamar fosse um pátio mais vasto, ladeado por algumas construções.

Os materiais recolhidos nesta escavação incluem objectos vários de uso quotidiano, lúdicos, ornamentais e simbólicos. Destacaram-se um pequeno frade em terracota e algumas faianças pintadas a azul com a cruz-espada de Santiago e a inscrição: COMVENTO.

Isabel Cristina Ferreira Fernandes
Arqueóloga, Museu Municipal de Palmela



musseu

Serviço Educativo

“Um dia no Neolítico na Quinta do Anjo”

Um projecto: Serviço Educativo do Museu Municipal / EBJI Quinta do Anjo

O Museu Municipal de Palmela (MMP) assume-se, actualmente, como um lugar de encontro onde o gosto pela descoberta, pela compreensão da Memória Colectiva e do Património Cultural (material e imaterial) locais e pelo reconhecimento da Identidade Cultural criam um ambiente favorável à aprendizagem. Para além de incorporar colecções, inventariar, conservar, investigar, expôr e divulgar conhecimento, o Museu integra um Serviço Educativo no qual reside a essência do serviço público do MMP.

Após analisar necessidades já evidenciadas, em anos anteriores, pela Comunidade Educativa, e de um forte empenho da docente de uma turma do 3º ano de escolaridade – a Profª Ana Mendão –, o SE-MMP propôs a concretização de um projecto a realizar em 2 anos lectivos: “Um dia no Neolítico na Quinta do Anjo”. A essência da iniciativa pretende operacionalizar uma etapa da taxinomia da Educação Patrimonial: a apropriação do Património, através de uma recriação histórica.

Viver no Neolítico, morrer no horizonte Campaniforme!

É neste âmbito temporal que realizaremos, no final do presente ano lectivo, a recriação histórica no local onde se situa a necrópole pré-histórica de Quinta do Anjo. Os problemas cronológicos para o projecto em questão resultam do facto da necrópole ter sido construída durante o Neolítico Final, ao longo da segunda metade do IV milénio e, ter sido parcialmente abandonada no final do III e início do II milénio, o que corresponde à última

fase do Horizonte Campaniforme (Calcolítico Final).

A **primeira fase da acção** – sensibilização ao tema de uma turma do 3º ano de escolaridade – decorreu no ano lectivo de 2003-04: realizou-se a reconstituição de um ritual de enterramento nos Sepulcros Neolíticos de Quinta do Anjo, precedida pelo reconhecimento do lugar e dos gestos de vida quotidiana dos homens e mulheres que terão vivido na zona envolvente.

Foi criado um enredo, ficcionado (vide *história à frente*) – dado o nível etário dos alunos –, com um sistemático acompanhamento de uma arqueóloga do Museu Municipal; foram envolvidos artesãos na localidade através de uma visita ao Museu Nacional de Arqueologia, onde está depositado parte do acervo arqueológico resultante das intervenções realizadas no local nos finais do século XIX/ início do século XX; foram concebidos utensílios e vestuário para recriar a acção.

Os resultados alcançados – entusiasmo dos alunos e da docente responsável, bem como de outros elementos da Comunidade Local – obrigaram a uma revisão do projecto e ao alargamento dos seus objectivos. Assim, as actividades principais do período Neolítico – agricultura, talhe, tecelagem e a olaria – foram mostradas a toda a comunidade local num espaço integrado no festival Queijo, Pão e Vinho, em Abril de 2005, resultado dos ateliês desenvolvidos pelos alunos, ao longo do presente ano lectivo; este trabalho culminará na recriação propriamente dita, a realizar no próximo mês de Junho.



Sendo este um projecto de parceria entre o SE-MM e a comunidade escolar da Escola Básica de 1º ciclo e Jardim de Infância de Quinta do Anjo, a verdadeira essência deste artigo reside nas palavras dos principais intervenientes: professora e alunos.

As vozes de quem vive este projecto...

“«Um dia no Neolítico» é um projecto que me tem envolvido a mim e à minha turma, desde o ano anterior, porque sempre tenho tido a preocupação de sensibilizar os meus alunos para que eles sejam cidadãos conscientes e que conheçam e valorizem o património existente, muito especialmente aquele que está perto de nós. Os sepulcros neolíticos existentes em Quinta do Anjo, por razões várias, têm sido pouco respeitados. Creio que grande parte da população, que aqui nasceu e reside, desconhece a razão da sua existência e o que ela significa. Pensámos que as nossas crianças poderiam ser um bom meio de informação e sensibilização.

Para isso foi feita a proposta à turma, que se interessou e tem andado envolvida, em saber como se vivia nesse período, as suas actividades, as suas crenças e como eles se comportavam na altura em relação às pessoas que morriam.

Queremos que as pessoas percebam que aquele lugar está carregado de significado e devemos preservá-lo para que as gerações futuras possam verificar que esta região tem provas de que é habitada desde há vários milhares de anos. Penso que esta será uma forma de sensibilizar as pessoas para valorizarem o património cultural e natural.

Os meus alunos têm achado interessante saber que há cinco mil anos atrás, as pessoas caçavam e construíam os seus instrumentos de caça, cultivavam aqui alguns produtos como o trigo, a cevada, a fava e o feijão já utilizavam o tear, e trabalhavam o barro.”

Professora Ana Mendão 20/04/2005

As vozes “mais pequenas” que fazem crescer este projecto...

“Eu acho que o projecto «Um dia no Neolítico» é muito bom, porque há muitas pessoas que não sabem o que são os sepulcros (...) nós aprendemos a fazer bolsas, placas de xisto e ídolos que na altura eram objectos de grande valor e respeito.

Eu já fiz uma bolsa. As coisas que eu gostei mais de fazer as bolsas e as placas de xisto.”

Lourenço



“Este projecto do neolítico é bom para estarmos a trabalhar porque as pessoas não sabem para que é que os sepulcros servem. Serviam para enterrar as pessoas antigamente no tempo de *Abaçai*.”

Márcia Peralta

“Eu aprendi que os sepulcros de Quinta do Anjo, são muito importantes e devemos protegê-los.”

Helder Nascimento

“Gosto muito deste projecto porque faz-me recuar 5000 anos atrás e também tem uma das áreas que eu mais gosto é a cultura antiga.”

Francisco Simões

Para nós, equipa do SE-MM, é gratificante poder acompanhar a evolução deste projecto, para o qual nos limitamos a dar as ferramentas de trabalho, e a observar os resultados que estes alunos apresentam. Estamos a trilhar um caminho conjunto e juntos alcançaremos os objectivos a que nos propusemos – conhecer, preservar e divulgar o “nosso” Património.

Para que seja entendida por todos vós a mensagem transmitida pela voz dos mais novos é importante divulgar a história que envolveu estes alunos, levando-os a entrar num mundo desconhecido até então: uma realidade tão distante mas, ao mesmo tempo, tão próxima e ao alcance de todos: os sepulcros neolíticos de Quinta do Anjo³.



³ Acerca desta jazida arqueológica, classificada como Monumento Nacional em 1934, apresentamos em números anteriores do **+museu** a bibliografia disponível, facto que contribuiu também para base informativa da acção.

A disponibilidade e entusiasmo de um outro parceiro local – Oficina Sebastião Fortuna – e do Museu Nacional de Arqueologia foram fundamentais para a concretização da acção, nomeadamente através da recriação de alguns artefactos cerâmicos e pétreos.

Uma história que reinventou o lugar,
distante no tempo

“A Morte de Abaçai, o Líder de Quaraciema”

A acção realizada no ano lectivo 2003/04

Olá a todos!

Eu, Carlos Ribeiro, sou arqueólogo e no passado século XIX, depois de uma intervenção arqueológica, descobri estes sepulcros aqui em Quinta do Anjo.

Um arqueólogo é uma pessoa que se dedica ao estudo dos costumes, ou melhor, do modo de vida dos povos mais antigos através dos materiais e objectos que encontra, descobre.

Após ter descoberto estas “grutas”, como vocês lhes chamam actualmente, fiquei com muita curiosidade e decidi estudar os povos que por aqui passaram.

Para isso, fiz uma grande viagem no tempo e recuei milhares de anos, porque a história que vos vou contar aconteceu no 3º milénio a.C..

No 3º milénio a.C. vivia no povoado de Chibanes a tribo Quaraciema. Abaçai, o líder desta tribo era o elemento mais velho e mais sábio de todos cuja missão era manter o grupo unido.

Na tribo Quaraciema viviam todos como se fossem só uma família, no entanto existiam várias famílias que faziam parte desta tribo.

Abaçai apesar de ser o líder de Quaraciema tinha a sua própria família. Era casado com Guavi, uma bela mulher, e tinha

6 filhos, 5 rapazes e uma rapariga (Tabajara, filho mais velho e muito dedicado à família; Maceió, que adorava partir em busca de novas aventuras; Grajáú, que só pensava no dia em que viesse a ser o líder de uma tribo; Naara, um jovem astuto que raramente se deixava enganar; Pitangui, que gostava de ser sempre criança e Maraneima, a única menina na família e a mais nova de todos os irmãos).

A família de Abaçai era a mais rica de toda a tribo, pois eram eles quem tinham mais excedentes, ou seja, mais produtos agrícolas e mais caça para comerem e para dividirem com os restantes elementos da tribo.

A tribo Quaraciema construiu as suas casas em Chibanes, porque é uma zona de planalto, mais alta, e por isso a que oferecia melhores condições para lá poderem viver, pois as tribos costumavam utilizar tudo o que a natureza lhes oferecia e em Chibanes aproveitaram as rochas para a construção das suas habitações.

Era Abaçai quem distribuía as várias tarefas diárias por todos os elementos da tribo e eram várias as actividades que desenvolviam. A maior parte dedicava-se ao trabalho da terra, agricultura. Cultivavam os cereais, o trigo e a cevada, e os legumes, a fava. Outros dedicavam-se à pastorícia e à criação de gado, como as ovelhas, as cabras, os porcos, os bois e as vacas. Havia, também, quem se dedicasse à pesca e ao marisqueiro, para isso deslocavam-se até às ribeiras, no rio Sado, na costa Atlântica da Península de Setúbal onde costumavam pescar sardinhas, douradas, amêijoas e mexilhão.

Para além destas existiam, também, outras actividades, tais como a olaria, porque construíam os seus próprios objectos para guardar e cozinhar os alimentos, os potes, os vasos, as taças e os

copos, e os objectos que utilizavam nas cerimónias, era por isso que o oleiro costumava decorar as suas obras de arte; a cestaria porque fabricavam as cordas; a tecelagem porque precisavam de fiar a lã e o linho para puderem fazer as suas roupas; e o artesanato, pois criavam vários objectos de adorno, decoração, como os colares, as pulseiras, as braceletes, os alfinetes e algumas estatuetas em formas de animais. Como as tribos acreditavam na vida para além da morte eram alguns destes objectos que costumavam acompanhar o corpo de quem morria, para que fosse protegido e preparado para a sua vida futura.

Abaçai atribuía as tarefas mais pesadas para os homens, ficando as mulheres com as tarefas domésticas, faziam o pão, o queijo, as roupas, teciam os fios da lã e do linho e todas as outras tarefas caseiras. As crianças também tinham actividades, os rapazes costumavam guardar e mugir o gado e depois das tarefas cumpridas jogavam ao jogo das pedrinhas, muito parecido ao jogo dos berlindes. As raparigas para além de ajudarem as mulheres mais velhas nas tarefas domésticas, costumavam fazer colares e pulseiras com conchas e pedrinhas.

À noite antes de dormirem, os mais novos da tribo, tinham o hábito de se reunirem com Abaçai, em redor de uma fogueira, para ouvirem as suas histórias.

A última história que Abaçai lhes contou foi sobre um momento mágico-simbólico que tinha acontecido na sua família, o nascimento de Majui, a sua neta, filha de Tabajara, o seu filho mais velho, e LancirandY, a sua nora. No entanto, as histórias que contava mais vezes e das que gostava mais eram sobre as suas caçadas e é por isso que agora quero contar-vos a história da última caçada de Abaçai.

Como faziam tantas vezes Abaçai e Tabajara saíram bem cedo para mais uma caçada, juntamente com outros homens de Quaraciema. Costumavam ir sempre para a Serra da Arrábida e o que mais caçavam eram coelhos, lebres e veados, se bem que Abaçai já há muito tempo que não tinha essa sorte.

Naquela manhã Abaçai tinha dito a Tabajara que sonhara com Bacuara, o sábio, e o seu antepassado mítico. Ao ouvir isto, Tabajara sentiu-se entristecer pois pressentiu que algo iria acontecer. Abaçai dizia muitas vezes que quando sonhavam com os seus antepassados o fim desta vida estaria perto e era apenas nestas palavras que Tabajara pensava quando de repente avistaram um veado ao longe. Abaçai de imediato fez pontaria com seu arco e flecha e dominado pelo desejo de o caçar não prestou atenção a mais nada, apenas em alcançar o veado.

A dada altura sentiu que Bacuara o chamava mas nem isso o impedia. Quanto mais se aproximava do animal, mais forte era o chamamento de Bacuara, mas Abaçai não conseguia parar e provocou a tragédia...

A seta foi certa, atingindo-o nas costas. Abaçai caiu de imediato no chão e perto de si estava Bacuara, que apenas com um olhar deu-lhe a perceber o erro grave que tinha cometido.

Abaçai tinha-se deixado levar pela sua ambição e provocou a sua própria morte da forma mais trágica. Tinha-se colocado na mira do alvo do seu filho Tabajara, que tal como ele tinha avistado o veado e feito pontaria com a sua ponta de seta. Tabajara não acreditava no que acabara de acontecer, tinha morto o seu próprio pai...

Estava explicado o sonho de Abaçai e a tristeza que Tabajara sentira ao ouvir as

últimas palavras de seu pai.

Tabajara seria o próximo líder de Quaraciema, pois era o filho mais velho de Abaçai e como tal tinha já à sua espera uma das tarefas mais duras... organizar o cortejo fúnebre e toda a cerimónia de enterramento de Abaçai.

O corpo de Abaçai é colocado em cima da padiola e vem acompanhado pela sua família e restantes elementos da tribo desde Chibanes até aos sepulcros.

Chegados aos sepulcros é preciso preparar o corpo e o espaço. Tabajara entra para o sepulcro e acende o fogo para proteger o espaço e purifica-o com as ervas aromáticas., enquanto espera pelo corpo de Abaçai.

Guavi, viúva de Abaçai, LancirandY, a nora, e Maraneima, a filha mais nova, envolvem o corpo com tecido, prendendo-o com alfinetes de osso. Depois enfeitam-no com colares e pulseiras e polvilham-no com ocre vermelho.

O corpo de Abaçai é transportado pelos seus 4 filhos, Maceió, Grajáú, Naara e Pitangui. Dentro da câmara vão depositar o corpo sobre a esteira junto à parede-cabeceira, ou seja, vão colocá-lo de costas para a parede em posição fetal, que simboliza o seu regresso às origens, ao ventre da Deusa-mãe. Agora Maceió, Grajáú, Naara e Pitangui saem do interior da câmara, levando a padiola, e vão para a ante-câmara.

O resto da família coloca-se ao longo do corredor, dos dois lados. Guavi recolhe a taça com cereais e transporta-a para a câmara, pois simboliza a homenagem principal a Abaçai, e fica junto do corpo com Tabajara.

Maraneima e LandirandY recolhem os outros objectos, um a um, e passam-nos por todos os elementos da família, que se encontram ao longo do corredor, estes vão passa-los para os filhos de Abaçai, que estão na ante-câmara, que vão entregar à sua mãe e a Tabajara para que os coloquem à volta do corpo.

Tabajara coloca o mobiliário funerário, os objectos de cerâmica que contêm alimentos e outras ofertas valiosas, em redor do corpo de Abaçai. No chão estão alguns objectos de calcário que contêm ocre para pintar o tecido que cobre o corpo e alguns aromatizantes.

Todos estes objectos que estão à volta do corpo de Abaçai eram seus e ele utilizava-os diariamente, principalmente a enxó e o machado, simbolizam o seu papel de destaque na vida desta tribo e a sua viagem de regresso para junto de Bacuara, o seu antepassado mítico...

Tabajara sai do sepulcro acompanhado por todos os elementos da família. Cá fora é aclamado/aplaudido por todos.

A cerimónia de enterramento terminou.

Tabajara é o novo líder de Quaraciema!...

A partir de agora novas aventuras virão...

Aguardamos as novas aventuras que se encontram, agora, no imaginário destes alunos que ao longo deste ano lectivo dão vida a este projecto.

Sandra Abreu Silva
Animadora sociocultural
SE do Museu Municipal de Palmela

Michelle Teixeira
Arqueóloga
colaboradora do Museu Municipal de Palmela

Património concelhio em documentos

No âmbito das comemorações dos 820 anos do Foral de 1185, falamos-vos neste número, sumariamente, dos três Forais de Palmela.

O texto e algumas das imagens que abaixo se apresentam constituem parte de uma exposição monográfica itinerante que pode ser requisitada ao Serviço Educativo do Museu Municipal.

Foral dos Mouros Forros

1170



Foral dos Mouros Forros, 1170

tar-lhe vários serviços relacionados com a agricultura (o adubo de vinhas, a venda de figos e do azeite de propriedade régia).



Silos da Rua de Nenhuers (Palmela)

O foral de 1170 foi concedido no mês de Março por D. Afonso Henriques aos mouros forros de Palmela e também aos de Lisboa, Almada e Alcácer.

Através desta *Carta de fieldade e firmidooen* os mouros que ficaram a habitar em Palmela, depois da conquista cristã, passaram a dispor de protecção régia contra eventuais injustiças cometidas por cristãos e judeus e do direito de eleger, entre os seus, alcaide que os julgasse.

Em contrapartida, ficavam estes muçulmanos obrigados ao pagamento de diversos tributos ao rei (um morabitino por cabeça, a alfitra, o azaqui e a dizima do trabalho) e tinham de pres-



Peças de tradição muçulmana

Foral de Palmela 1185



Foral de Palmela, 1185

Em Março de 1185 D. Afonso Henriques, juntamente com seu filho D. Sancho, outorga foral aos moradores de Palmela, homens livres cristãos, na intenção expressa de *restaurar e povoar Palmela a quem tomamos aos sarracenos*.

Este diploma encerra uma grande riqueza de informação de carácter social, jurídico e económico, permitindo-nos uma visão aproximada do quotidiano de Palmela no séc. XII.

Começa por mencionar a obrigação de os

cavaleiros de Palmela combaterem o *infiel* (fosado) precavendo que um terço ficasse no castelo para garantir a segurança da vila. Os cavaleiros distinguem-se claramente dos peões, correspondendo os primeiros a infanções e ricos-homens e os segundos a cavaleiros-vilãos. No âmbito municipal merecem referência o *concilio* (concelho, assembleia), os vizinhos, os juizes, o saião. Vários são os ofícios e as ocupações, as categorias sociais registados no foral: o servo e o vassalo, os clérigos,



Necrópole de Cavaleiros da Ordem de Santiago



Insígnia da Ordem de Santiago (sécs. XII-XIII)



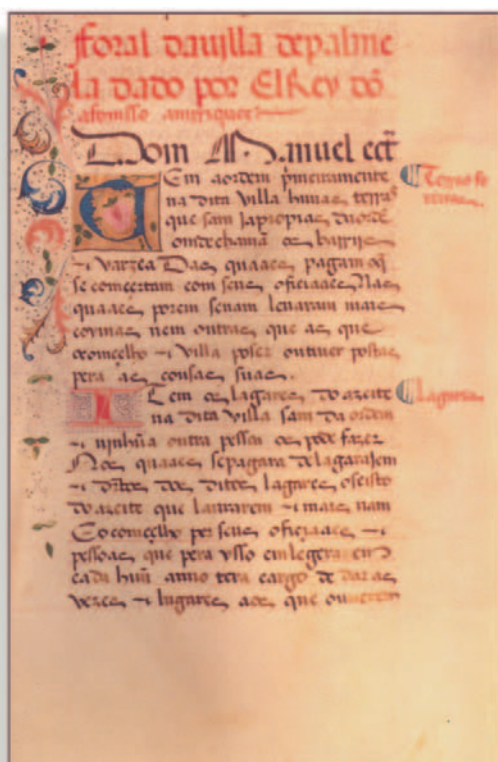
Canequinhos dos sécs. XII-XIII

os barões, o meirinho, o solarengo, o colono ou herdador, o caseiro, o hortelão, o moleiro. Os deveres consignados no foral traduziam-se em tributos a pagar ao rei, em dinheiro, em géneros, através da prestação de serviços ou de multas ou coimas, quase sempre pecuniárias.

A agro-pecuária aparece no documento como a vertente preponderante da economia local de então. Referem-se o gado ovino, suíno,

bovino, asinino e cavalar, o pão, o vinho, o azeite, o figo, a madeira. Mencionam-se também actividades e equipamentos relacionados com a transformação e comercialização das referidas produções: mercadores, vian-dantes, tendas, açougues, moinhos, fornos. Na actividade mercantil citam-se os panos de lã e de linho, o fustão, o pão, o vinho, os couros (de vaca, zebra, gamo ou cervo), a cera, o azeite, os coelhos, os escravos mouros.

Foral Manuelino 1512



Foral Manuelino, 1512

O Foral Novo de D. Manuel I foi dado a Palmela em 1 de Junho de 1512.

Por ordem de D. Manuel I os forais antigos foram sujeitos a reforma e substituídos por novos diplomas que ficaram conhecidos por *forais novos*.

No Foral Manuelino de Palmela reconhecem-se e apresentam-se alguns dos privilégios da Ordem de Santiago, então sediada no castelo da vila, bem como os direitos dos mora-



Cerâmicas
quinzentistas
do Mercado
Velho de
Palmela

dores do concelho. São mencionadas as terras foreiras da Ordem nos Barris e na Várzea, os lagares e as estalagens da Ordem, as suas sesmarias. Verifica-se o acautelamento dos direitos dos moradores da vila em relação à Ordem, nomeadamente estabelecendo a prioridade de, nos lagares, ser em primeiro lugar moída a azeitona do povo e garantindo que qualquer pessoa da vila pudesse fornecer dormida ou comida a quem lhe aprovesse, apesar da existência das estalagens da Ordem.

Quanto aos montados, são indicados como propriedade do concelho e o *gado de vento* como sendo do alcaide, por ordem régia.

Nos bastidores...

do Castelo de Palmela

Rostos do GRAC

Além da Divisão de Património Cultural, outro serviço partilha o privilégio de estar instalado no Castelo de Palmela e de desfrutar diariamente do sabor do vento, do sol, do rio, das planícies e serras – o Gabinete de Recuperação e Animação do Castelo (GRAC), que integra o Departamento Municipal de Cultura e Desporto e tem como função: “uma intervenção integrada no Castelo de Palmela aos vários níveis: arquitectónico, animação cultural, turística e económica e gestão corrente, visando transformar o castelo numa infraestrutura “moderna” e dinâmica, enquanto equipamento catalisador de actividade cultural, lúdica e didáctica, numa óptica de desenvolvimento sociocultural e económico.”⁴

Falamos com os quatro rostos mais visíveis desta equipa, acerca da sua experiência e da responsabilidade que sentem ao zelar por um monumento de importância nacional⁵.

Manuel Pereira da Silva, de 41 anos, trabalha neste serviço há 5 anos tendo a seu cargo a limpeza, manutenção e vigilância, funções fundamentais à necessidade de conservação e preservação do castelo. O seu dia inicia-se com a abertura das portas de todos os espaços que integram este conjunto patrimonial, tal como da Igreja Santiago, onde o antigo relógio espera as mãos que o ajudem a contar o tempo que passa. Seguidamente, é necessário retirar o lixo dos cestos de modo a que os primeiros visitantes encontrem o



Da esquerda para a direita: Manuel, Nuno, Valdemar

espaço limpo, e retirar a água dos desumidificadores, equipamento imprescindível na prática de conservação preventiva de todo este espólio. À tarde, após a limpeza, a sua função consiste essencialmente em fazer manutenção e vigilância. Para além destas actividades, o contacto com o público é incontornável visto que são os rostos sempre presentes do castelo. Assim, são muitas vezes interpelados com pedidos de informação a que sempre que possível dão resposta, ou encaminham para o Posto de Turismo. E para além das actividades habituais, Manuel afirma que apoiam todas as actividades extraordinárias que aqui se realizam, quer do Município, quer de outras entidades que procuram o Castelo.

⁴ Manual de Funções da CMP

⁵ O Castelo de Palmela foi classificado Monumento Nacional, pelo Decreto-Lei de 16 de Junho de 1910.



Paula Maria Mestre tem 41 anos e está no castelo desde 1999. Desempenha a função de Auxiliar de Serviços Gerais, que consiste na limpeza não especializada de todos os espaços interiores tal como Igreja Santiago e respectiva Sacristia, Espaço D. Jorge, Serviços de Arqueologia, GEOS, Posto de Turismo, Sala de Serviço Educativo, galerias, Espaço de Transmissões militares e Sanitários. Tendo em conta que se trata de uma área muito extensa, permanentemente exposta às agressões do pó, Paula considera que é um trabalho exigente, especialmente porque tratando-se de um local visitável, deve ser mantido o mais possível em condições.

Nuno Manuel Camolas de Sousa, de 39 anos, é outro rosto que aqui podemos encontrar há 9 anos. Hoje considera que “o castelo é a sua segunda casa”, e quando olha para trás, faz um balanço muito positivo do seu trabalho, sobretudo, porque na sua opinião é essencial que este seja cada vez mais um local de visitas, com um atendimento de qualidade. Uma das suas funções consiste na rega dos espaços verdes que o embelezam. Sempre desperto para as questões ecológicas dos nossos dias, apela para o bom senso dos visitantes em não atirar lixo para o chão, mas sobretudo, para não atirarem as pontas dos cigarros pela muralha, porque põem em risco a mata que envolve o castelo, já parte do Parque Natural da Arrábida.

Outra questão levantada pelo Nuno, prende-se com a segurança dos públicos, pois muitas vezes os jovens aventuram-se perigosamente em alguns locais do castelo e é sua preocupação zelar pela segurança de todos. Dos públicos, destaca as crianças por serem muito curiosas e não se coíbiem de questionar, daí que considere que a parceria entre o GRAC e o Museu Municipal, nomeadamente

o SE, é fundamental porque ambos trabalham para o mesmo objectivo: “fazer do castelo um local que o público aprecie”, considerando ainda que “são estas actividades que o valorizam”.

Da mesma opinião é o mais antigo trabalhador deste serviço. Valdemar de Oliveira Caetano, de 68 anos de idade, afirma que as crianças dão vida ao castelo. Recordou-nos o estado de abandono em que encontrou o monumento quando aqui chegou, há cerca de 11 anos atrás. Durante o seu primeiro ano de trabalho, a sua função foi sobretudo limpar cuidadosamente cada canto e recanto, devolvendo o orgulho ao local. Foi também nesta altura que se iniciaram as obras de melhoramento, por parte da autarquia, com a adaptação das diversas galerias da praça de armas. Actualmente, esforça-se por manter o espaço sempre limpo e agradável, porque considera importante a opinião dos visitantes: “Muitas pessoas têm dito que o castelo está muito bem conservado e é bom a gente ouvir que dá gosto em vir cá.” A um ano de se reformar, reforça a convicção da importância do monumento como “cartão de visita de Palmela”, e sonha, que o caminho que ajudou a trilhar, seja percorrido por outros, que como ele, contribuam para dar dinamismo ao castelo.

Embora o que mova estas pessoas, seja o resultado mais imediato do manter o espaço limpo e agradável para bem receber todos aqueles que nos vêm visitar, eles, com o seu esforço, contribuem de forma decisiva para preservar e valorizar um património de todos nós, parte da nossa memória. Além das suas funções próprias, o GRAC é também uma presença fundamental, por exemplo, nas acções de montagem de exposições do Museu; sem o apoio desta equipa e da disponibilidade do seu coordenador Dr. Rafael Rodrigues, do técnico profissional José Carlos Fidalgo e da Bina Duarte, assistente administrativa, a acção do Museu não seria a mesma.

A estes rostos que nos habituámos a ver, por entre as pedras da história, desejamos que não percam o entusiasmo de se dedicar a este lugar.

A não esquecer . . .

Forais vêm a Palmela pela 1ª vez



Pela primeira vez vêm à vila de Palmela os Forais atribuídos em 1170 aos Mouros Forros da comunidade local, em 1185 ao concelho e, em 1512, por D. Manuel I.

Integrados no acervo dos Arquivos Nacionais/Torre do Tombo, estes documentos que marcaram a vida local durante séculos, podem ser apreciados de 1 a 30 de Junho na Igreja de Santiago – Castelo de Palmela.

No âmbito das comemorações dos 820 de Foral de 1185 e do Dia do Concelho realizar-se-ão as seguintes acções:

1 de Junho

Igreja de Santiago
– Castelo de Palmela

- 15h30** - Abertura da exposição:
Os Forais de Palmela
- Conferências pelos Professores Doutores Filomena Barros, João Paulo Oliveira e Costa e Manuela Santos Silva, acerca de cada um dos Forais
- Lançamento de edição crítica dos 3 forais de Palmela, estudados pelos citados conferencistas.

- 17h30** Músicas do Médio Oriente e Magreb pelo trio Samarcanda
Espectáculo integrado na Rota Al-Mutamid

Horário da exposição

de 3ª feira a domingo, das 10h00 às 12h30 e das 14h00 às 18h00
(a Igreja encerra às 2ª feiras e feriados)



Núcleo Museológico da Vinha e do Vinho – Adega de Algeruz

Agende uma visita a esta antiga adega da Herdade de Algeruz, que abrirá em **Julho** próximo, após uma campanha de obras que visou garantir a abertura da Adega de Algeruz ao público, com um discurso capaz de mostrar ao público o sistema de vinificação ali instalado, bem como memórias da Herdade recolhidas na Comunidade Local.

Exposições para ver e ouvir



30 Anos de Abril no concelho de Palmela – uma exposição a ver (ou rever) em Pinhal Novo

De 7 de Junho a 3 de Julho, na Praça da Independência, em Pinhal Novo

Horário nocturno durante as Festas Populares locais (de 7 a 12 de Junho) e por solicitação prévia de grupos ao Museu Municipal de Palmela.

Objectos e memórias da Cultura Caramela

De 7 de Junho a 3 de Julho, no foyer do Auditório Municipal de Pinhal Novo, no horário de funcionamento habitual da Biblioteca.

Horário nocturno durante as Festas Populares locais (de 7 a 12 de Junho) e nos dias de programação do Auditório Municipal.



Sons para ver, ouvir e sentir – Instrumentos de Música Mecânica

O *Limonaire Prères*, instrumento de música mecânica francês, de 1900, é uma das peças de excepção que poderá ouvir e ver na Igreja de Santiago – Castelo de Palmela.

De 9 de Julho a 11 de Setembro de 2005, no horário habitual; a horas certas (a divulgar oportunamente) poder-se-ão ouvir alguns instrumentos.

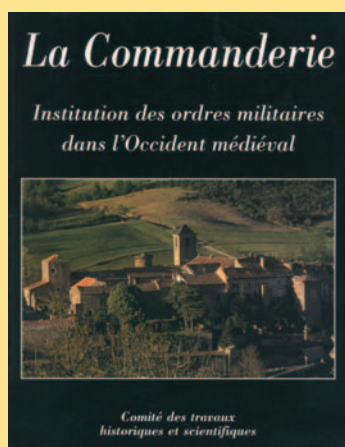


FUNDOS
DOCUMENTAIS
ESPECIALIZADOS
PARA CONSULTA
PÚBLICA, EM PALMELA



Novas Aquisições do Fundo Documental do GEsOS

- FERNANDES, Isabel Cristina Ferreira – **O Convento da Ordem de Santiago em Palmela** (estudo monográfico dactilografado), Palmela, 2004
- IZQUIERDO BENITO, Ricardo e LÓPEZ ÁLVAREZ, Ana Maria (Coord.) – **Juderías y sinagogas de la Sefarad Medieval**, “Colección Humanidades nº 73”, Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha, 2003
- LUTTRELL, Anthony e PRESSOUYRE, Léon (Direction) – **La Commanderie, institution des ordres militaires dans l’Occident médiéval**, Paris : Comité des travaux historiques et scientifiques, 2002



Novas Aquisições do Fundo Documental do Museu Municipal

- GALHANO, Fernando e OLIVEIRA, Ernesto Veiga de – **Arquitectura Tradicional Portuguesa**, 5ª ed., Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2003
- MATOS-CRUZ, José de – **Prontuário do Cinema Português 1896-1989**, s/l: Cinemateca Portuguesa, 1989
- **MUSA. Museus, arqueologia & outros patrimónios**, vol. 1, Setúbal: Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal/Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal, 2004



SITES A CONSULTAR

<http://www.mun-guarda.pt/concelho/foral/folio1.asp>

Site da Câmara Municipal da Guarda, no qual se encontra a transcrição do Foral atribuído àquele concelho por D. Sancho.

http://www.bib-lousa.rcts.pt/images/foral_da_lousa.htm

Site da Biblioteca Municipal da Lousã, no qual se encontra a transcrição do Foral atribuído àquele concelho por D. Manuel em 1513.

<http://www.mun-setubal.pt/Concelho/historia.asp>

Site da Câmara Municipal da Setúbal, no qual se encontra referência ao Foral atribuído àquele concelho por D. Paio Peres Correia em 1249.

CADA NÚMERO, UM JOGO

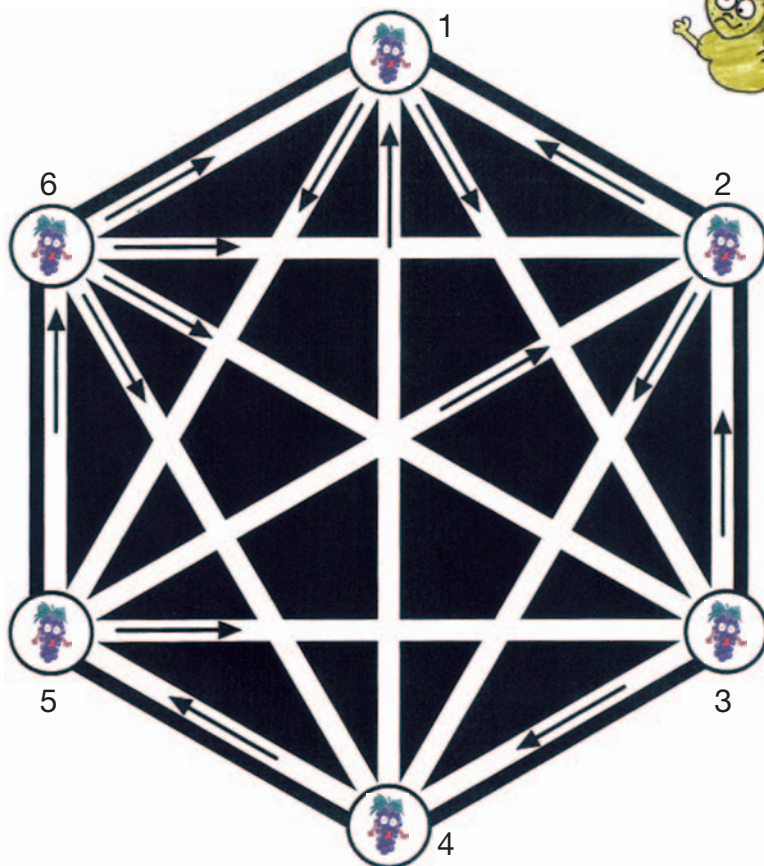
Na Primavera existem muitos insectos que provocam doenças às videiras. De todos eles o pior é a filoxera – uma pequena borboleta que ataca as raízes e as folhas das videiras.



Para combater este “mal das vinhas” o vitivinicultor precisa de pulverizar a vinha com um remédio, a calda bordalesa (um líquido feito com água, cal e sulfato de cobre). Como esta tarefa não é fácil, vamos ajudar a combater a filoxera encontrando a solução para este desafio.

O caminho – marcado por uma seta – entre duas videiras numeradas, permite ao vitivinicultor pulverizar a vinha sem voltar a passar no mesmo sítio.

Qual a rota que ele deve seguir para pulverizar as seis videiras?



Solução: 6,1,5,3,2,4

Índice

- 1** Editorial
- 2** Em destaque... Memórias do Habitar
– Arquitectura e Vivência Caramelas (2ª parte)
- 6** Património Local
– o Convento de Palmela, novos dados
- 9** Serviço Educativo
– Um Dia no Neolítico na Quinta do Anjo
- 15** Património Concelhio em documentos
– os Forais de Palmela
- 18** Nos Bastidores... do Castelo de Palmela
- 20** A não esquecer...
 - 1 de Junho, Dia do Concelho
 - Exposições para ver, ouvir e sentir...
 - 8 de Julho: inauguração do Núcleo do Vinho e da Vinha – Adega de Algeruz
- 22** Fundos documentais especializados para consulta pública em Palmela
- 23** Sites a consultar
Cada número, um jogo

Contactos:
Divisão de Património Cultural - Museu Municipal
Departamento de Cultura e Desporto
da Câmara Municipal de Palmela
Largo do Município
2951-505 PALMELA

Tel.: 212 338 180
Fax: 212 338 189
E-mail: pat.cultural@cm-palmela.pt

Ficha Técnica

Edição: Câmara Municipal de Palmela
Coordenação Editorial: Chefia da Divisão de Património Cultural/Museu Municipal
Colaboram neste número: Ana Mendão (Profª da Escola Básica/JI de Quinta do Anjo) e Alunos da turma envolvida no projecto "Um Dia no Neolítico na Quinta do Anjo"), Isabel Cristina Ferreira Fernandes, Lúcio Rabão, Manuel Silva, Michele Teixeira, Nuno Camolas, Paula Mestre, Sandra Abreu Silva, Teresa Sampaio, Valdemar Caetano
Grafismo: Paulo Curto
Fotografia: Adelino Chapa
Impressão: Armazém de Papéis do Sado
Código de Edição: 228/05 - 3 000 exemplares
ISBN: 927-8497-27-X
Depósito Legal: 196394/03

Faz parte integrante deste número uma separata com o documento **Programa Museológico Municipal de Palmela** aprovado na Assembleia Municipal de Palmela a 18 de Maio de 2004